

# Da invenção à inovação

Brasil pode estar na dianteira para aposentar 'maquininhas de cartão', mas precisa vencer a inércia da opção de manter essa tecnologia

José Eli da Veiga

*Folha -Tendências/Debates*, 15 Abril de 2018, p. 3

Em termos estritamente tecnológicos, pagar com cartão “já era”. Pode estar com seus dias contados a leitura de chips incrustados em plásticos pelas ditas “Maquininhas de Cartão”, esquema que só no Brasil é usado em mais de sete bilhões de transações anuais (6,4 bilhões em 2016, segundo o BACEN).

Tal obsolescência se deve à onipresença dos smartphones e seu imenso potencial para novas funcionalidades. É o que indica a recente invenção de outro modo de pagamento, por reconhecimento facial, bem mais simples e vantajoso que a biometria de digitais, por exemplo.

Pode não demorar, então, para que os consumidores prefiram só exibir seu sorriso ao fazerem pagamentos. À medida em que vendedores e compradores forem se cadastrando nesse novo lance, bastará um novo tipo de selfie para realizá-los. Processo já bem avançado na China, como revelou aqui na *Folha* o colunista Rodrigo Zeidan (Mercado de 24/04, p. 19).

Além das vantagens práticas da nova tecnologia, ela trará ganhos de sustentabilidade ao contribuir para a desmaterialização da economia. Smartphones já em uso podem tornar absurda a avalanche de resíduos resultantes da produção e do descarte de dispositivos eletrônicos de leitura de chips envolvidos em plástico. Com isso, a mudança atenderá a vários dos 17 “ODS” (os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030), a começar pelo 12º: “assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis”.

É preciso que se saiba que o Brasil tem chance de estar na dianteira desse processo se vencer inevitáveis resistências. Pois é óbvio que os pesadíssimos investimentos já realizados na montagem da infraestrutura atual induzem a

uma opção preferencial pela inércia que ajudará a rentabilizá-los. Pode-se até decidir não adotar tecnologia que reduzirá radicalmente o prazo de validade das “maquininhas”.

Esse é o drama vivido neste momento pelo doutor em ciências da computação pela Unicamp Giovani Chiachia, e sua fintech Saffe, detentora de invenção cujo patenteamento tramita desde 2013 no Brasil e nos EUA. E que começa a ser bem aceita no exterior, mas nem tanto por aqui. O primeiro investimento “seed” foi alemão, o primeiro piloto foi em Barcelona, e novas experiências estão pipocando em países tão diferentes quanto o Reino Unido e a Colômbia. A bem da verdade, há uma exceção que confirma a regra, pois a Shell experimenta a Saffe em uma de suas lojas de conveniência do Brasil.

Se mais empresas brasileiras engajadas na promoção da sustentabilidade fizerem o mesmo, a obsolescência, hoje só tecnológica, em breve se tornará também econômico-financeira. Mas também é possível que essa excelente *invenção* nem se torne uma *inovação*. Um fenômeno muito mais frequente do que se pensa, chamado em economês de “dependência da trajetória” (*path dependence*). Seu ícone empírico é o modo peculiar em que até hoje continuam dispostas as letras em todos os teclados em uso (Qwerty). Outros casos emblemáticos são a persistência dos trilhos de bitola estreita, o êxito da corrente alternada, e a sobrevivência do motor de combustão interna.

Não há melhor fonte sobre essa “anomalia” do que a imensa obra histórica e teórica deixada por Douglass C. North, prêmio Nobel de economia em 1993. Só merece aplausos, portanto, a edição brasileira de um de seus trabalhos, mesmo que com 28 anos de atraso. A publicação de *Instituições, Mudança Institucional e Desempenho Econômico* (Três Estrelas, 2018) certamente ajudará muito no ensino da disciplina ‘economia institucional’.